ABRALIN 2005

Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN

17 a 19 de fevereiro
Universidade de Brasília

Equipe editorial

Coordenação e supervisão editorial ■ Ana Suely Arruda Câmara Cabral e Sanderson Castro Soares de Oliveira

Assistente de supervisão
Eliete Bararuá Solano

Editoração eletrônica ■ Eugênio Felix Braga·

Webmaster
Ricardo Ferreira

Apoio

CNPq; CAPES; União Latina; Editora Contexto; CESPE/UnB; Secretaria de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social/ MCT;

Programa de Pós-Graduação em Lingüística – UnB; Departamento de Lingüística;

Línguas Clássicas e Vernácula – LIV/UnB; Laboratório de Línguas Indígenas – LALI/UnB.

Capa
Rudá Cabral de M. Barros

Congresso internacional da ABRALIN (4. : 2005) / Anais do IV congresso internacional da ABRALIN. -- Brasília : [s.n.], 2005. 1600 p.

Publicação somente on-line
1. Lingüística teórica e descritiva. 2. Fonética e fonologia. 3. Teoria da gramática. 4. Línguas de sinais. 5. Línguas indígenas. 6. Análise do discurso. 7. Morfossintaxe. 8. Psicolingüística. 9. Lexicologia e lexicografia.

LEITURA E SAÚDE EMOCIONAL

Lindomar Coutinho da SILVA
Nair Floresta Andrade NETA
UESC

Todo aprendizado tem uma base emocional.*

Platão

No ambiente escolar, comumente, a leitura está associada à aprendizagem de conteúdos das várias disciplinas do saber humano. Em consonância com essa concepção restrita acerca do papel da leitura na educação formal do indivíduo, palavras como desejo, prazer, alegria, emoção, motivação, dentre outras, raríssimas vezes, são associadas às experiências vivenciadas pelo leitor em seus processos de interação com o texto, com o autor e consigo mesmo.

Por outro lado, e paradoxalmente, a preocupação com o nível de qualidade dos leitores parece afetar a toda a sociedade brasileira em diferentes níveis: família, escola, governo, etc., todos demonstrando sua imensa preocupação com a propagada "falta de interesse" geral e, especialmente dos alunos, pela leitura.

Nesses momentos críticos surge a palavra-chave "prazer" como preocupação central da educação, desencadeando inúmeros projetos e programas de leitura com o objetivo de desenvolver o gosto e, conseqüentemente, o hábito de ler. E para desenvolver esse *prazer,* panacéia de todos os problemas do (mau ou não-) leitor, recorre-se aos textos literários como principal recurso didático. Parece estar implícita nessa prática, a impossibilidade de desenvolver o hábito e o prazer de ler mediante a realização de outras leituras, com diferentes funções pessoais e sociais.

Dessa forma, em torno da dicotomia que se estabelece entre textos literários e textos escolares, proliferam-se outras tantas: razão *versus* emoção; prazer *versus* obrigação; estudo *versus* distração; trabalho *versus* lazer; liberdade *versus* imposição, etc. Ou seja, entende-se que a leitura no espaço formal funciona como veículo de outras aprendizagens mediadas pelos textos escolares e, portanto, desvinculada das experiências prazerosas que, não sendo assim, não fomenta o desejo da repetição e não gera, conseqüentemente, o hábito de ler. Em oposição funcional aos textos escolares, situam-se os textos literários como geradores do prazer e, por conseguinte, do hábito da leitura, devido a sua possibilidade de despertar vivências emocionais positivas.

A nosso ver, essa visão tergiversada e restrita se deve a vários fatores, dentre os quais destacamos: o caráter não-intencional e não-utilitário, por vezes ainda atribuído à literatura; a possibilidade de recriação do real, oferecida pelo texto literário, que proporciona ao leitor desconectar-se do seu dia-a-dia e vivenciar outras experiências; e, finalmente, o desconhecimento acerca dos complexos processos implicados na leitura, originando abordagens didáticas pouco atrativas que, em lugar de atraírem o aluno, causam-lhe repulsa, desinteresse, desmotivação pela atividade, levando-nos à concepção, equivocadamente generalizada, de que o aluno não gosta de ler.

---

* Todas as epígrafes deste texto foram extraídas de SOUKI, 1999.

Efetivamente, o aluno não gosta de ler ou não aprendeu a gostar? Não será por que fazemos tudo com o texto (ensinamos gramática, vocabulário, Geografia, História, etc) menos ensinar a compreendê-lo e a fazer diversos usos dos variados textos conforme as diferentes funções que eles têm na sociedade? Talvez os alunos não gostem de ler o que, quando e onde nós, professores, queremos que eles leiam. Na vida "real" nossa leitura é autônoma, livre, diversificada e funcional, guiada por interesses e objetivos também diversificados que determinam a forma, o tipo de conteúdo, o envolvimento emocional, a velocidade e o lugar onde realizamos a atividade.

Diante do exposto, nos questionamos: Pode um texto escolar ser lido com prazer? O que é o prazer? Provocará a leitura alguma emoção no leitor? O que determina a qualidade dessa emoção? A simples leitura de um texto poderia interferir na saúde emocional de um indivíduo? Pode um texto constituir-se, ao mesmo tempo, em fonte de prazer e de aprendizagem? Sabemos que algumas dessas perguntas parecem óbvias, entretanto, não queremos aqui respostas pautadas no senso-comum, em que, aparentemente, todos sabem tudo sobre tudo. A superficialidade pede reflexão e profundidade em questões tão importantes quanto essas. Esperamos que vocês também não se satisfaçam com as primeiras respostas, quase sempre resultado da precipitação.

Com todos esses elementos e questionamentos citados anteriormente, que evidenciam a complexidade da questão, ainda não se esgota esse problema, pois, ao colocarmos a dimensão emocional, amplia-se consideravelmente a extensão da teia de relações originadas no ato de ler. Na realização desse ato, devido à possibilidade interativa que existe, acontece uma interpenetração de emocionalidades, em que as relações intersubjetivas, por maior que seja a objetividade do significado do texto, ganham força e dão o colorido emocional à realidade, quer descrita no texto pelo autor, quer criada pela imaginação do leitor. Isso, sem dúvidas, interfere na disposição emocional de quem lê e dos que estarão em contato com o leitor. Esse aspecto, segundo Silva (2002, p. 48), é denominado de "influência emociossocial".

Pretendemos, neste trabalho, discutir essas questões buscando estabelecer a vinculação, tão intensa quanto inversamente esquecida de ser tratada, entre a leitura e a saúde emocional, sem, contudo, privilegiar um tipo de leitura, mas tratá-la como essa rica possibilidade de oferecer conteúdos e vivências que podem produzir melhores formas de viver, pelas possibilidades que apresenta de desenvolvimento global do ser.

LEITURA E INTERAÇÃO

Ninguém sabe do que é
capaz de fazer até que tenta.

Pubilius Sylus

Desde a publicação dos resultados das primeiras pesquisas experimentais sobre o complexo processo que envolve a leitura de um texto escrito,[1] várias abordagens teóricas tentaram

[1] As primeiras pesquisas experimentais trataram do processo fisiológico do ato de ler e foram desenvolvidas por Emile Javal (1879) e James Cattell (1885). Os resultados das pesquisas de Javal demostraram que durante a leitura os olhos não se movem de forma linear e contínua, como se pensava na época; ao contrário, se deslocam de forma descontínua, rápida e breve. Ou seja, os olhos dão saltos pela página impressa. Esses movimentos oculares, que podem ser progressivos ou regressivos, receberam a denominação de "*saccades*" e os intervalos nos quais os olhos fazem uma pausa são chamados de *fixações.* Essas descobertas contribuíram significativamente para a compreensão de que não se lê letra por letra ou palavra por palavra, pois o leitor focaliza um campo visual muito mais amplo. Além do mais, é durante as fixações que se percebe o que se lê, pois durante os saltos, apenas são percebidos os signos gráficos. Alguns anos depois, Cattell demonstrou que se emprega mais tempo para ler letras individuais que para ler palavras inteiras. Seus estudos deram status às pesquisas acerca da leitura de palavras.

entender, descrever e explicar a natureza da leitura. Assim, de forma bastante sucinta, as concepções de leitura poderiam ser agrupadas, conforme a visão que oferecem do processo leitor, em três grandes tendências (RODRÍGUEZ, 1994): enquanto processo primordialmente perceptivo, cuja essência é a decodificação; como processo de compreensão, enfatizando o componente compreensivo como determinante da natureza da leitura; e, finalmente, como um processo criativo, no qual há, entre outros elementos, uma implicação emocional do leitor.

Embora à primeira vista essas tendências pareçam opor-se, elas se complementam originando o consenso predominante entre os pesquisadores da área em considerar a leitura como uma atividade ativa, interativa e complexa, que envolve tanto os processos perceptivos, como os compreensivos e os criativos. Conforme veremos a seguir, esses processos mantêm uma relação de interação e interdependência entre si.

Os processos perceptivos estão relacionados com as habilidades de decodificação do texto que possibilitam ao leitor identificar, reconhecer e outorgar significado à forma impressa da palavra.

Embora alguns pesquisadores, a exemplo de Robert Crowder (1985), discutam e/ou defendam a distinção entre ler e compreender, a leitura tem sido tratada, mais amplamente, como um processo que envolve a compreensão como condição *sine qua non,* pois, conforme vimos, a decodificação das palavras é apenas um dos processos que fazem parte da leitura, mas que, tratada isoladamente, não assegura que o texto tenha sido, de fato, compreendido. Reconhece-se, portanto, que a compreensão de um texto resulta da interação entre duas fontes de informação (SMITH, 1997): a visual, que nos chega através dos olhos (texto impresso) e a não-visual[2] que se encontra armazenada e esquematicamente organizada na mente do leitor e constitui-se de todos os seus conhecimentos (lingüísticos, de mundo e textuais) previamente adquiridos, em contextos de aprendizagem formais ou informais. Sendo assim, a compreensão que se obtém do texto provém da interação entre os próprios processos mentais do leitor – lingüísticos e cognitivos – e das idéias veiculadas pelo autor do texto (STAUFFER, 1969).

Não podemos esquecer que a compreensão que vem depois da leitura é o que vai permitir o avanço das operações mentais e nos levar ao entendimento do texto e das relações possíveis. Sabemos que o entendimento acontece quando há a incorporação das idéias do autor, ou seja, entramos no texto e passamos a ter a condição de expressar com fidelidade o pensamento do autor.

As fontes de informação visual e não-visual, às quais recorremos, irão contribuir cognitivamente para o estabelecimento de uma ponte entre as informações incipientes e as já adquiridas, permitindo a compreensão do texto. Entretanto, não suprimem a necessidade de atentarmos para as questões afetivas (desejo – emoção – sentimento) que, em suma, são a base que garante o que o texto fará com o leitor.

Além das considerações que já foram feitas em torno da leitura, faz-se necessário evidenciar o seu caráter comunicativo, dialógico. Ler é um ato individual, mas é também um ato social. E, entendê-la nessa perspectiva, requer tratar o leitor como um sujeito ativo e criativo que, a partir das interações com os autores, mediadas pelo leque de textos que lê, se desenvolve como ser, envolvendo-se também, afetivamente. Dessa forma, os chamados processos criativos contemplam a dimensão afetiva da leitura, por ser esta, uma atividade que possibilita o desenvolvimento e a (re)elaboração das vivências afetivas do leitor, a partir do diálogo que ele estabelece com o autor.

A criatividade sempre foi observada como uma habilidade que destaca a pessoa criativa, pois esta, normalmente, contribui com a sua capacidade de sentir, ver e criar onde outros não conseguem perceber. Atualmente, inclusive, tem sido uma exigência do mundo globalizado,

[2] Sobre o conhecimento prévio, consulte-se a Teoria dos Esquemas (Schema Theory), inicialmente esboçada pelo psicólogo F. C. Bartllet (1932) e reelaborada posteriormente por Rumelhart e Ortony (1977).

como elemento imprescindível para as pessoas que concorrem à possibilidade de conquistar espaço produtivo.

Na leitura, o componente criativo está relacionado com o nível de implicação emocional do leitor. Strang (1987) relaciona esse componente criativo às reações e atuações do leitor, após a leitura, que venham a provocar mudanças de condutas, de pontos de vista, de atitudes e de sentimentos. Essas transformações contribuem para o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo. Portanto, os conteúdos e vivências experienciadas através da leitura poderão produzir melhores formas de viver.

Conforme ficou patente, apesar dos diferentes caminhos e concepções da pesquisa na área, o componente interativo da leitura é um aspecto consensual. A leitura é o resultado de uma interação tridimensional entre leitor-leitor, leitor-texto, leitor-autor, que acontece de forma simultânea, interdependente e não-hierarquizada.

Ler é uma das habilidades centrais na vida do homem moderno porque, dentre outros fatores, nos possibilita a aquisição de conhecimentos, a aproximação e compreensão de diferentes culturas, a compreensão do passado e a projeção do futuro, o desenvolvimento crítico, cognitivo e emocional... Enfim, ler nos torna mais autônomos e socialmente engajados.

LEITURA E PRAZER

> A pessoa poderá ter sucesso em quase
> tudo que fizer com entusiasmo ilimitado.
>
> Charles Schwob

Conforme já vimos, a leitura permite ao leitor construir possibilidades novas, (re)ver as antigas, alterar as percepções, corrigir concepções, modificar estados emocionais, enfim, permite aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver, aprender a ser. Com todos esses ganhos, certamente que a leitura é (ou torna-se) prazerosa e continuamente motivacional, motivacionante e motivada por ela mesma e pelo que gera ao leitor e em suas relações.

O prazer está diretamente ligado à alegria e à satisfação. Ele é considerado por Damásio (2000b, p. 362) como um desencadeador ou constituinte de emoções. Mantendo a mesma linha de raciocício do neurocientista Antonio Damásio, Silva (2002, p. 79) encontrou em sua pesquisa, também, a motivação como um desencadeador de emoções. Se entendemos a leitura como uma atividade conduzida de acordo com os objetivos do leitor, encontraremos o fator motivacional como aspecto relevante para desencadear o prazer de ler, seja por uma motivação intrínseca à atividade, seja determinado por fatores externos. Apesar de a motivação, inclusive para ler, ser determinada por fatores extrínsecos (por ex., ler para obter nota, realizar uma prova, ser aprovado no Vestibular, etc.) ou intrínsecos à atividade (por ex., ler pelas possibilidades que, por si mesma, a leitura oferece) ela pode, inclusive, estar ausente[3] (CSIKSENTMIHALYI, 1975; TAPIA e FITA, 2003).

Embora alguns autores ainda considerem a impossibilidade de medir a intensidade da motivação humana,[4] sabe-se que a motivação é fundamental para a aprendizagem. Se um aluno se sente motivado e interessado em compreender o que estuda e adquirir novos conheci-

[3] Vale ressaltar que outros autores, como Davidoff (1983), estabelecem a diferença entre a motivação e o estímulo. A motivação é um estado interno, enquanto o estímulo é considerado um elemento externo que motiva o indivíduo à realização de algo, p. ex., uma leitura.

[4] Recentemente, em pesquisas neurocientíficas realizadas por Damásio (2000a) e LeDoux (1998), dentre outros, utilizando o aparelho transmissor de emissão de pósitrons (TEP), chegou-se à demonstração empírica e positiva das ocorrências emocionais no cérebro humano vivo, o que, no entanto, não nos livra de termos que lidar com a impossibilidade de haver em cada escola ou cidade um TEP disponível para uso, sempre que necessário, para verificações psicopedagógicas.

mentos e/ou habilidades, se concentra mais na atividade e persiste mais na resolução de problemas que possam aparecer, além de dedicar mais tempo e esforço do que o aluno que carece dessa motivação. Este demora mais em dar início à atividade, se concentra menos, estuda superficialmente e com estratégias inadequadas, com menor freqüência e menor intensidade e tende a persistir menos em seus esforços para superar as dificuldades (TAPIA *in* MUÑOZ-REPISO, coord., 2001, p. 79).

Para melhor compreendermos as dificuldades tratadas anteriormente, faz-se necessário que compreendamos que, em qualquer atividade a ser realizada, há elementos que determinam a motivação. Sabe-se que ao tomarmos consciência do processo que ocorre nas realizações empreendidas por nós, fica mais fácil buscar a consecução satisfatória.

São elementos determinantes da motivação para a leitura: que o leitor perceba o valor da atividade (um aluno sem objetivos não pode sentir-se motivado); que se sinta competente para realizar a atividade (depende das realizações anteriores, da observação dos demais, da persuasão e de suas reações emotivas); que perceba o grau de controle que exerce sobre a atividade (durante seu desenvolvimento). Nesse sentido, não é o fato de um texto ser literário ou escolar que, exclusivamente, determinará a motivação, o prazer e o envolvimento do aluno com a leitura, mas sim, o tratamento didático que esse texto receberá, desde sua seleção criteriosa (o que será lido e por quê), avaliando-se as potenciais vivências emocionais que oferece, até a exploração que se fará do mesmo (como, quando, onde e para que o texto será lido).

De acordo com Alexander Lowen (1984), o prazer está indissoluvelmente ligado à realização. Assim, o cumprimento de uma obrigação também pode provocar contentamento, alegria, prazer, desde que os elementos determinantes da motivação sejam considerados no cumprimento da tarefa.

Para Damásio (2000c, p. 106) "o prazer é uma qualidade constituinte de certas emoções, bem como um desencadeador de alguns tipos de emoção. (...), o prazer está associado a muitas graduações de felicidade, orgulho e emoções de fundo positivas". A leitura de um texto tem o poder de gerar felicidade em quem lê, de fazer com que a pessoa se orgulhe de si mesma, desde, por ter a habilidade de leitura, até por poder obter novos conhecimentos e isto, sem dúvidas, acarreta em vivências emocionais prazerosas a partir das leituras efetuadas.

Queremos ainda evidenciar que não consideramos o prazer uma realidade abstrata, uma entidade invisível que não se possa provar objetivamente a sua existência e importância para o viver saudável do ser humano. Segundo o psiquiatra Marc Schwob (*apud* TERRA, 1999, p. 61), "o prazer não é uma 'simples' sensação subjetiva, mas uma realidade objetiva, que repousa sobre grupos de neurônios particulares e substâncias químicas específicas". Ou seja, além da experiência mental, existe a experiência orgânica, o que determina a correspondência existente entre a saúde emocional e a saúde física, estudada atualmente nas pesquisas psicossomáticas.

A relação estabelecida predominantemente entre desejo, ou melhor, entre a satisfação do desejo e o prazer é ponto comum de concordância entre os autores. No entanto, não é muito comum encontrarmos bem definida a relação, de maior complexidade, envolvendo desejo-prazer-emoção-motivação e mais incomum ainda, quando adicionamos a leitura como elemento dessa relação, podendo ter o sentido cíclico: desejo-prazer-emoção-motivação-leitura, e também inverso: leitura-motivação-emoção-prazer-desejo.

Partindo do desejo que – como ponto central da questão, surgido da presença da ausência de algo, ou seja, da carência existente – gera sensações que despertam emoções, podendo ser estas, os motivos da motivação necessária que leva a pessoa à realização de algo, nesse caso, a leitura e esta, por sua vez, pode alimentar todo esse processo, mantendo-o ativo, em todas as possibilidades que a leitura e a emoção permitam vivenciar.

Podemos afirmar que a leitura pode estabelecer relação significativa com o prazer, e estabelece toda vez que o leitor efetivamente interage com o texto, mergulhando na compreensão que leva ao entendimento. Essa experiência garante a vivência do prazer de aprender.

LEITURA E SAÚDE EMOCIONAL

O grande erro que a pessoa pode fazer
é sacrificar a saúde por qualquer outra vantagem.

Arthur Schopenhauer

Agora, queremos transcender um pouco o que até aqui estamos chamando de leitura, quando nos referimos ao texto escrito, pois, tudo pode ser entendido como um texto: um filme, um quadro, uma foto, uma música, uma paisagem, um olhar, um gesto, uma pessoa... Não é preciso ser um especialista em leitura para saber observar que alguém está ou não, bem, saudável, feliz. Entretanto, não podemos dizer o mesmo no que diz respeito à capacidade de saber dizer o que sente, o que deseja, o que pretende.

Essa é uma realidade tão presente, que encontramos bem ilustradada em música popular brasileira, cantada por Simone, intitulada "Lenha", quando afirma: "eu não sei dizer, o que quer dizer, o que eu vou dizer/ eu amo você/ mas não sei o que, isso quer dizer". Em meio a toda essa confusão de emoções e sentimentos, vamos encontrar em muitos autores essa dificuldade de definir e diferenciar o que é emoção e o que é sentimento. Conforme já informamos anteriormente, as novas pesquisas neurocientíficas apresentam a solução para esse problema tão antigo.

Emoção, etimologicamente, é "movimento para fora", é, também para Damásio (2000c), processo fisiológico, que altera o comportamento do indivíduo, sendo este inato e pré-organizado, portanto, existente desde a infância e, para Wallon (1995) é, possivelmente, a emoção que dá origem à consciência.

Enquanto a emoção é o processo fisiológico, o sentimento é o registro da emoção, portanto, de natureza cognitiva. Para Thums (1999), os sentimentos humanos são propulsores do agir humano e são responsáveis pelo equilíbrio e desequilíbrio, noutras palavras, pode alterar o estado de saúde emocional.

A saúde emocional é o resultado do estado ou padrão de emocionalidade que a pessoa tenha, garantindo a harmonia predominante, mesmo em meio a todas as oscilações emocionais vividas, na dinamicidade da nossa realidade construída, permitindo ainda, como saldo emocional positivo, o bem-estar bioemociosentimental.

Sabemos que o homem alimenta-se de várias formas, e a leitura é uma dessas formas de abastecer nossa mente com idéias, palavras/termos, imagens, emoções e sentimentos, desejos e fantasias, possibilitando a construção de uma subjetividade saudável ou doentia.

Devido ao poder que as palavras e as imagens têm de evocar emoções pretéritas, a leitura desperta emoções positivas ou negativas, que poderão influenciar na forma como percebemos o mundo, conduzindo-nos a reações muito variadas. Esse estado emocional ao qual formos conduzidos, influenciará também na forma como nosso cérebro processará a informação provinda do mundo exterior. Da mesma forma, inversamente, a leitura será influenciada pelo nosso estado emocional, pela forma como percebemos o mundo. Essa ocorrência é confirmada pelo pensamento de Wallon (*apud* Almeida, 1999, p. 59) quando diz que: "é a emoção que dá o tom ao real".

Os textos, portanto, funcionam como detonadores de emoções. Proporcionam o estabelecimento de uma vinculação mnemônica, mediando o momento presente com o passado.

Se as emoções evocadas são positivas, nos proporcionarão um estado de relaxamento, liberarão energias que reforçam o sistema imunológico, propiciarão a transmissão de informação entre as células, permitindo que flua a energia, nos deixando mais alertas e aguçando nossa capacidade de aprendizagem. Ao contrário, se as emoções despertadas são negativas, nos colocarão em estado de tensão, obstaculizando o fluxo da energia, debilitando e entorpecendo nossos órgãos, dificultando a assimilação de idéias e interferindo na transmissão de informação entre as células (ESQUIVEL, 2001). Sendo assim, podemos facilmente concluir que há emoções (e textos que geram emoções) que favorecem um padrão salutar e outras que, ao contrário, adoecem.

Observe, caso ainda não o tenha feito, como você se sente quando entra em contato com um texto (escrito, falado, filme, quadro, pessoa, etc...) que é penoso, sofrido, violento, deprimente? Como se sentirá propenso a manter um padrão discursivo, um olhar ou mesmo o silêncio que indicam o seu estado emocional, resultado da experiência vivida? Certamente, será observado que a melancolia, o pessimismo, a descrença no próprio homem, a tristeza, o medo, a raiva ou a revolta, serão emoções ou sentimentos presentes em você ou em quem você observa. Alguns até tentarão lidar com irreverência, ironia, sarcasmo, buscando aliviar a própria dor que sentem ao serem expostos àquela realidade infeliz.

Por isso, defendemos que cuidar do homem integral, da pessoa como um todo, é de responsabilidade de todos, o que inclui o cuidado que precisamos ter com as nossas escolhas (para nós mesmos e para os outros – p.ex. nossos alunos, na indicação de textos), pois, conforme afirma Tom Lehrer (*apud* LYKKEN, 1999, p. 13), "a vida é como um esgoto; aquilo que sai depende daquilo que se colocou dentro". Reconhecemos ser esse, um pensamento forte, e por isso mesmo decidimos citá-lo, para que ele, talvez, nos choque e nos ponha a pensar sobre a importância da leitura e sua qualidade e influência na vida das pessoas, pessoas que somos nós mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aquele que quiser mover o mundo
deve primeiro mover-se a si mesmo.

Sócrates

Ao chegarmos ao final deste artigo, fica uma grande certeza em meio a tantas dúvidas, tão próprias do mar das incertezas em que a Ciência navega, buscando cada vez mais, o aprofundamento das questões vividas por todos nós: a certeza de que avistamos a ponta do *iceberg*. Quantos quererão explorar conosco esse território? Quantos acreditarão nessa possibilidade? Quantos estarão dispostos a viver o incômodo de descobrir que precisam mudar para que a mudança aconteça em torno de si?

Pensar, pesquisar, aplicar, verificar, avaliar são tarefas cotidianas, entretanto, trazem em si uma aridez conhecida por aqueles que, efetivamente, buscaram com rigor fazer o que precisa ser feito. Dessa forma, relacionar leitura e saúde emocional é um bom desafio empreendido por nós, incomodados com a limitação e a deficiência identificadas em nossa prática pedagógica e na prática daqueles que acompanhamos em formação profissional e pessoal, que nos fazem pensar que ainda há esperança em educação. É possível relacionar educação e saúde, pois, nos parece mais sensato investir na profilaxia do homem através da educação, do que tratar homens doentes, desacreditados de si mesmos, que perderam a capacidade de criar, ler e contar a realidade construída por nós mesmos.

Consideramos inteiramente condenável a ação de um professor que indica a leitura de um texto, que ele mesmo não tenha lido.

Como avaliar, nesse caso, mesmo relativamente, a possível influência que o texto poderá gerar? Como saber sobre as possibilidades de interação existentes entre leitor-texto-autor? Como identificar se o texto escolhido poderá ou não gerar prazer? Se irá ou não contribuir para a saúde emocional das pessoas?

Se conhecemos o texto, podemos, ao menos, avaliar algumas possíveis variáveis do contato com ele. Podemos reconhecer o nível do texto e relacioná-lo com o nível presumível dos leitores, e então nos aproximarmos da interação possível, mesmo sabendo que o texto será compreendido de várias formas por diferentes leitores, dada a heterogeneidade das vivências de cada um. Quanto à questão do prazer, defendemos o uso de dois elementos verificativos: a intencionalidade da escolha e a experiência vivida por você, enquanto leitor, ao entrar em contato com o texto. Naturalmente que, conhecer previamente os futuros leitores, quando possível, é um excelente auxiliar.

Etimologicamente, educar significa "tirar de, trazer para fora". Se considerarmos a concepção ontológica de que a essência do homem é boa, naturalmente, a educação e a saúde emocional formam um binômio inseparável, pois, a formação da pessoa através da educação está diretamente ligada as suas crenças, convicções, experiências emocionais, concepções, etc.

Portanto, a leitura será sempre possibilitadora de novas aprendizagens, pois, pode nos ajudar a formar atitudes, ter comportamentos, desenvolver valores e fomentar o auto-conhecimento, levando-nos ao estado ou padrão de emocionalidade, de predominância harmônica, que resulta no bem-estar bioemociosentimental, que denominamos de saúde emocional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATTELL, J. M. **The times it takes to see and name objects.** Minde 11, p. 63-65, 1886.

CROWDER, R. G. **Psicología de la lectura.** Madri: Alianza, 1985.

CSIKSENTMIHALYI, M. **Beyond boredom and anxiety.** São Francisco: Jossy Bass, 1975.

DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes:** emoção, razão e cérebro humano. 20ª ed. Portugal: Fórum da Ciência, 2000a.

_____. **O sentimento de si.** 6ª ed. Portugal: Fórum da Ciência, 2000b.

_____. **O mistério da consciência:** do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Companhia das letras, 2000c.

DAVIDOFF, L. L. **Introdução à Psicologia.** São Paulo: Mc Graw-Hell do Brasil, 1983.

ESQUIVEL, L. **El libro de las emociones:** son de la razón sin corazón. 3ª ed. Barcelona: Debolsillo, 2001.

JAVAL, E. **Essai sur la psysiologie de la lecture.** Annales d'oculistique, 82, p. 242-253, 1879.

LeDOUX. J. **O cérebro emocional:** os misteriosos alicerces da vida emocional. 4ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

LEHRER, T. *apud* LYKKEN, D. **Felicidade:** sugestões práticas para escapar dos grandes ladrões da felicidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

RODRÍGUEZ, F. A. Cabrera; DONOSO, T.; MARIN, Ma. A. **El proceso lector y su evaluación.** Barcelona: Laertes, 1994.

SCHWOB, M. *apud* TERRA, O. **Entenda melhor suas emoções:** por que todos sentimos, aprendemos e amamos de forma semelhante. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

SILVA, L. C. da. **Emoções e sentimentos na escola:** uma certa dimensão do domínio afetivo. Ilhéus(BA): UESC/UFBA, 2002. (Dissertação de Mestrado).

SMITH, F. **Para darle sentido a la lectura.** 2ª ed. Madri: Visor, 1997.

SOUKI, O. **Emoção é poder:** Manual de inteligência emocional. Belo Horizonte: Souki House, 1999.

STAUFFER, R. G. **Directing reading madurity as a cognitive process.** New York: Harper-Row Publ., 1969.

STRANG, G. E. *apud* RODRÍGUEZ, F. A. Cabrera; DONOSO, T.; MARIN, Ma. A. **El proceso lector y su evaluación.** Barcelona: Laertes, 1994.

TAPIA, J. A. in MUÑOZ-REPISO, A. G.-V. (Coord.). **Didáctica universitaria.** Madri: La Muralla, 2001.

_____; FITA, E. C. **A motivação em sala de aula:** O que e como se faz. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

THUMS, J. **Educação dos sentimentos.** Porto Alegre: Sulina/Ulbra, 1999.

WALLON, H. **As origens do caráter na criança.** São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

_____ *apud* ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula.** Campinas: Papirus, 1999.